



por Vicente Nunes / vicentenunes.df@dabr.com.br

Eleitores não vão se contentar com pouco

Não será fácil a vida do próximo presidente da República, seja quem for o vencedor. Diante da dramática situação da economia e da onda de desconfiança que mina, sem dó, o Produto Interno Bruto (PIB), não bastará apenas um tradicional choque de credibilidade para que a situação volte o controle. Fazer um ajuste fiscal consistente, deixar o dólar flutuar e levar a inflação para o centro da meta, de 4,5%, serão temas de início de conversa. Os eleitores vão exigir muito mais daquele que comandará o país a partir de 2015.

“Ajuste fiscal, câmbio flutuante e inflação na meta foram fundamentais para que Lula, recém-reeleito, conquistasse a confiança do país e vivesse o jogo em 2003”, diz Eduardo Vello, economista-chefe da INVX Partners. “Agora, as demandas vão muito além desse tripé que vem sustentando a estabilidade econômica. Um choque de credibilidade exigirá reformas importantes que destravem o Brasil, reduzindo o custo de produção e da mão de obra e ampliando a competitividade”, acrescenta.

Exigência maior reflete a frustração com o tímido avanço do Brasil nos últimos anos a fim de garantir um futuro melhor

A exigência maior do eleitorado, sobretudo dos mais escolarizados, reflete a frustração com o pouco avanço do Brasil nos últimos anos a fim de garantir um futuro melhor. A despeito da força política com que chegaram ao Palácio do Planalto, os governantes pouco se empenharam para aprovar as mudanças de que o país tanto precisa, seja para dar maior produtividade à indústria, que está se esvaindo, seja para fortalecer o mercado de trabalho. Ao menor sinal de dificuldade — ou de perda de popularidade —,

preferiram manter o Brasil com um pé no atraso.

Muita gente ainda não se deu conta, mas o adiamento das reformas custará muito caro quando o mundo recuperar as forças. O atual governo gosta de atribuir o fraco desempenho do PIB à crise internacional, renegando os erros em série que cometeu. Independentemente do atoleiro em que se encontram, muitos países, especialmente os da Europa, tiveram de promover mudanças estruturais importantes, que vão lhes permitir saírem bem mais competitivos das dificuldades que enfrentam.

O Brasil, para desespero dos agentes econômicos, continua apostando na sorte. Acredita que tirará proveito, como todos, da retomada da economia mundial. Difícil acreditar. No máximo, se manterá como grande produtor e exportador de commodities, condição que não combina com a ambição de estar entre as maiores economias do planeta.